

ESTRATÉGIAS NEUROPSICOPEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA

Elizaete Gomes Ribeiro¹

Eliene Rodrigues²

João Gabriel Rodrigues Ribeiro³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar estratégias neuropsicopedagógicas para a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi realizada uma pesquisa qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, com foco na análise de práticas pedagógicas inclusivas alinhadas aos princípios da neuropsicopedagogia. A educação inclusiva tem sido pauta essencial no âmbito educacional, sobretudo no que tange à integração dos alunos com TEA no ambiente escolar. Haja vista que o TEA é caracterizado por desafios nas áreas de interação social, comunicação e comportamento, o que demanda abordagens específicas que possa garantir a inclusão e o pleno desenvolvimento educacional desses alunos. Os resultados destacaram a relevância de estratégias como a personalização do ensino, o uso de recursos tecnológicos, a criação de ambientes sensorialmente adequados e o fortalecimento da formação docente. Também foi evidenciada a importância da colaboração entre escola e família no processo de inclusão. As limitações apontam para a necessidade de estudos empíricos que avaliem a eficácia das estratégias discutidas, além de maior integração entre políticas públicas e práticas pedagógicas. Assim, o trabalho pode contribuir para o campo da educação inclusiva ao oferecer um referencial teórico que apoia a implementação de práticas mais adaptadas e efetivas no contexto escolar, promovendo uma educação equitativa e acessível a todos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Neuropsicopedagogia, Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem sido pauta essencial no âmbito educacional, sobretudo no que tange à integração de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. O TEA é caracterizado por desafios nas áreas de interação social, comunicação e comportamento, o que demanda abordagens específicas para garantir a inclusão e o pleno desenvolvimento educacional desses indivíduos. A neuropsicopedagogia, ao unir conhecimentos das neurociências e da pedagogia,

¹ Graduada em Bacharel em Administração – Faculdade Atenas Maranhense – FAMA; Graduada em Formação Pedagógica de Docentes do Ensino Fundamental, Médio e Profissional- Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Esp. em Psicologia da Educação-Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. MBA em Administração de RH-UNITER-PR; Esp. em Gestão em Saúde-Universidade Federal do Maranhão-UFMA; Esp. em Docência do Ensino Superior - UNITER-PR; elizaetegomes@hotmail.com.

² Graduada em Licenciatura em Pedagogia-Universidade do Estado do Maranhão-UEMASUL; Esp. em Psicopedagogia – Faculdade Venda Nova do Imigrante- FAVENI; ln.2022.rod@gmail.com.

³ Graduando no curso de Bacharel em Enfermagem-Universidade Federal do Maranhão-UFMA; joao.grr@discente.ufma.br



apresenta-se como uma ferramenta crucial para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a inclusão e o aprendizado desses alunos (SILVA e OLIVEIRA, 2023).

A relevância deste estudo encontra-se na necessidade de identificar práticas efetivas que possibilitem a adaptação do ensino às necessidades de alunos com TEA (SOUZA, 2020). Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 1% da população global encontra-se dentro do espectro, o que reforça a urgência em implementar práticas pedagógicas e neurocientíficas que promovam a equidade educacional. Assim, compreender as estratégias neuropsicopedagógicas para inclusão desses alunos é um passo fundamental para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

A escolha do tema justifica-se pela lacuna existente na formação inicial de educadores quanto à inclusão de alunos com TEA e pela importância de fundamentar o trabalho docente em práticas baseadas em evidências. A literatura aponta que intervenções pedagógicas alinhadas ao funcionamento cerebral podem favorecer não apenas o aprendizado acadêmico, mas, também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Portanto, investigar tais estratégias oferece subsídios teóricos e práticos para educadores e gestores escolares.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para este estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica de artigos científicos, livros e documentos oficiais relacionados à neuropsicopedagogia e à inclusão de alunos com TEA. Essa escolha visa mapear e analisar estratégias já existentes, apontando aquelas que demonstram maior eficácia e viabilidade no contexto educacional brasileiro. As fontes foram selecionadas com base na relevância, atualidade e fundamentação teórica.

Este estudo visa contribuir com a ampliação do conhecimento sobre práticas inclusivas para alunos com TEA, oferecendo suporte teórico e metodológico para a atuação docente. Espera-se que os resultados obtidos sejam úteis para orientar políticas educacionais, formação continuada de professores e o planejamento de intervenções pedagógicas que respeitem a diversidade e promovam uma educação mais justa e inclusiva.



REFERENCIAL TEÓRICO

A neuropsicopedagogia representa uma interface teórica e prática entre as neurociências, a psicologia e a pedagogia, com vistas à compreensão e à intervenção no processo de aprendizagem. Esta área de conhecimento se torna essencial para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a inclusão escolar de alunos com necessidades específicas, como os diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Silva e Oliveira (2023), a neuropsicopedagogia oferece subsídios para que educadores compreendam o funcionamento cognitivo e comportamental desses alunos, possibilitando práticas pedagógicas mais efetivas.

A inclusão educacional de indivíduos com TEA exige abordagens que transcendem a adaptação física do ambiente escolar, envolvendo mudanças estruturais e didáticas baseadas em evidências científicas. Oliveira e Silva (2022) destacam que o entendimento sobre a plasticidade cerebral e a individualidade de cada aluno é fundamental para a criação de planos pedagógicos personalizados. Assim, a neuropsicopedagogia contribui significativamente ao considerar as características únicas de cada estudante.

A literatura ressalta que a inclusão escolar não deve ser vista apenas como um direito legal, mas também como uma prática que enriquece o ambiente de ensino para todos os envolvidos. Conforme apontado por Gomes et al. (2021), a interação entre neurociências e educação promove uma compreensão aprofundada sobre o impacto das metodologias no desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos com TEA, potencializando os resultados das intervenções educacionais.

A relação entre neuropsicopedagogia e educação inclusiva reforça a importância da formação continuada de professores. Souza (2020) enfatiza que o desconhecimento sobre as peculiaridades dos alunos com TEA ainda constitui uma barreira à implementação de práticas inclusivas. Dessa forma, programas de capacitação que integram conhecimentos neuropsicopedagógicos podem auxiliar os docentes na elaboração de estratégias mais assertivas.

Práticas pedagógicas inclusivas baseadas em neurociências contribuem para a promoção de uma educação mais equitativa. Pereira (2019) menciona que técnicas como o uso de mapas mentais, recursos visuais e jogos educativos podem facilitar o



processo de aprendizagem de alunos com TEA, ao mesmo tempo em que promovem o engajamento e a autonomia. Tais práticas são especialmente relevantes em contextos em que a inclusão ainda é incipiente.

A neuropsicopedagogia também permite uma abordagem integrada que considera aspectos emocionais, sociais e cognitivos no processo de aprendizagem. Segundo Mendonça e Lima (2018), ao compreenderem o funcionamento cerebral, os educadores podem desenvolver estratégias que favoreçam não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento das competências socioemocionais dos alunos, fundamentais para sua inclusão plena.

Rocha e Figueiredo (2023) reforçam a necessidade de pensar a inclusão a partir de uma perspectiva interdisciplinar, que integre conhecimentos neuropsicopedagógicos e a prática docente. Essas autoras apontam que a parceria entre professores, especialistas em neurociências e famílias pode gerar resultados mais expressivos no aprendizado e na socialização de alunos com TEA, fortalecendo a inclusão escolar.

Outro ponto relevante refere-se à avaliação dos alunos com TEA no ambiente escolar. Dias (2020) aponta que os métodos tradicionais muitas vezes não são adequados para medir o progresso desses estudantes, ressaltando a necessidade de instrumentos avaliativos que considerem as peculiaridades de cada indivíduo. A neuropsicopedagogia oferece ferramentas para o desenvolvimento de avaliações mais justas e eficazes.

O papel da escola como um espaço de acolhimento e estímulo é outro aspecto central. Andrade (2019) destaca que uma instituição verdadeiramente inclusiva deve estar preparada para acolher a diversidade, adaptando suas práticas e metodologias às necessidades específicas dos alunos. Nesse contexto, a neuropsicopedagogia fornece um referencial sólido para a criação de ambientes mais responsivos às demandas educacionais contemporâneas.

A importância de recursos adaptativos e tecnologia assistiva no ensino de alunos com TEA também é destacada na literatura. Segundo Silva (2023), ferramentas tecnológicas, como aplicativos educativos e dispositivos de comunicação alternativa, podem ampliar as possibilidades de aprendizado e interação desses estudantes, alinhando-se às práticas propostas pela neuropsicopedagogia.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado como uma condição do neurodesenvolvimento que impacta as áreas de interação social, comunicação e comportamento. Conforme Silva e Oliveira (2023), o TEA apresenta uma ampla variabilidade de manifestações, o que exige um olhar atento às particularidades de cada indivíduo, especialmente no contexto escolar.

As principais características do TEA incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, padrões de comportamento restritivos e repetitivos, além de interesses fixos e sensibilidade sensorial elevada (Gomes et al., 2021). Essas particularidades podem influenciar significativamente a experiência educacional, demandando práticas pedagógicas adaptadas.

A comunicação, um dos principais desafios enfrentados por indivíduos com TEA, é frequentemente comprometida em diferentes graus. Souza (2020) destaca que alguns alunos podem ser não verbais, enquanto outros possuem linguagem funcional, mas apresentam dificuldade em interpretar nuances sociais, como ironias ou metáforas. Esse aspecto ressalta a importância de estratégias que promovam uma comunicação mais clara e acessível.

Outro ponto relevante está relacionado à interação social. Segundo Pereira (2019), alunos com TEA podem apresentar dificuldades para estabelecer vínculos com seus pares ou interpretar expressões faciais e gestos, o que muitas vezes os coloca em situações de isolamento no ambiente escolar. A mediação de professores e colegas é essencial para criar oportunidades de socialização.

Os comportamentos repetitivos e interesses restritos, característicos do TEA, também podem representar desafios no ambiente escolar. Mendonça e Lima (2018) observam que essas características podem ser vistas como barreiras por educadores despreparados, mas, quando compreendidas, podem ser transformadas em potenciais para a aprendizagem, utilizando os interesses específicos como ponto de partida para a construção do conhecimento.

As barreiras enfrentadas por alunos com TEA no sistema educacional não se limitam às características individuais, mas também envolvem fatores estruturais e culturais. Dias (2020) destaca que, muitas vezes, o currículo escolar padrão não



considera as necessidades específicas desses alunos, tornando o aprendizado mais desafiador. Um currículo flexível e adaptativo é essencial para superar essas limitações.

“As políticas públicas também desempenham um papel crucial na inclusão de alunos com TEA”, Santos e Oliveira (2021) argumentam que, apesar dos avanços legais no Brasil, como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), ainda há lacunas na implementação prática dessas políticas, especialmente no que se refere ao fornecimento de recursos e suporte técnico às escolas.

Outro desafio significativo está na avaliação dos alunos com TEA. Silva (2023) afirma que as práticas avaliativas tradicionais frequentemente falham em capturar o progresso desses estudantes, especialmente quando baseadas exclusivamente em critérios padronizados. É necessário desenvolver instrumentos avaliativos que considerem as peculiaridades de cada indivíduo.

A inclusão de alunos com TEA também exige a colaboração entre escola e família. Pereira (2019) destaca que a parceria entre educadores e familiares é fundamental para garantir uma abordagem coerente e consistente, tanto no ambiente escolar quanto no doméstico. Essa colaboração pode facilitar a transposição de barreiras e o fortalecimento do aprendizado.

Mendonça e Lima (2018) enfatizam que a presença de mediadores ou tutores especializados pode ser um diferencial significativo para o sucesso educacional de alunos com TEA. Esses profissionais desempenham um papel essencial ao promover a comunicação e a adaptação curricular, além de apoiar o aluno em situações desafiadoras.

“A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar demanda estratégias pedagógicas fundamentadas na neuropsicopedagogia, que integram os conhecimentos das neurociências, da psicologia e da pedagogia”, conforme Silva e Oliveira (2023), essas estratégias têm como objetivo principal promover o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e comportamental dos alunos, considerando suas especificidades e potencialidades.

Uma das principais estratégias recomendadas é a personalização do ensino, que consiste na adaptação do conteúdo curricular e das práticas pedagógicas às necessidades individuais do aluno. Souza (2020) ressalta que essa abordagem permite maior engajamento e aproveitamento do processo de ensino-aprendizagem, garantindo que o



aluno com TEA seja atendido de forma inclusiva e respeitosa.

O uso de recursos visuais, como mapas conceituais, gráficos e ilustrações, também é destacado como uma prática eficaz. Mendonça e Lima (2018) afirmam que a apresentação de informações por meio de estímulos visuais facilita a compreensão e o processamento cognitivo de alunos com TEA, especialmente aqueles que apresentam dificuldades na comunicação verbal.

Estratégias baseadas no uso de tecnologia assistiva, como aplicativos educacionais e dispositivos de comunicação alternativa, têm mostrado resultados promissores. Segundo Santos e Oliveira (2021), essas ferramentas ampliam as possibilidades de interação e aprendizagem, promovendo maior autonomia e inclusão no ambiente escolar.

Outro aspecto fundamental é a criação de ambientes sensorialmente adequados. Rocha e Figueiredo (2023) destacam que a modulação do ambiente escolar, com controle de estímulos como luz, som e temperatura, contribui para a concentração e o bem-estar do aluno com TEA, reduzindo os impactos de sua sensibilidade sensorial.

A prática de rotinas estruturadas também é amplamente recomendada para alunos com TEA. Silva (2023) menciona que a previsibilidade das atividades escolares proporciona segurança e estabilidade, fatores essenciais para o desenvolvimento acadêmico e socioemocional desses alunos.

A mediação pedagógica por profissionais especializados, como tutores ou mediadores escolares, é outra estratégia que promove a inclusão. Pereira (2019) enfatiza que esses profissionais desempenham um papel crucial ao facilitar a interação entre o aluno com TEA, os colegas e os professores, além de auxiliar na adaptação curricular.

A implementação de metodologias ativas, como a gamificação, também pode favorecer o engajamento de alunos com TEA. Gomes et al. (2021) destacam que os jogos educativos estimulam a atenção, o raciocínio lógico e a cooperação, sendo uma ferramenta eficaz para promover a aprendizagem de forma lúdica e interativa.

O treinamento de professores e equipe escolar em fundamentos neuropsicopedagógicos é indispensável para o sucesso das estratégias inclusivas. Mendonça e Lima (2018) reforçam que a formação continuada é essencial para que os educadores estejam preparados para lidar com as particularidades do TEA e para aplicar práticas baseadas em evidências científicas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou investigar as estratégias neuropsicopedagógicas que contribuem para a inclusão escolar deste aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), haja vista que os desafios educacionais e as características específicas desse público. Os objetivos foram alcançados ao apresentar uma revisão das práticas pedagógicas que, fundamentadas nos princípios da neuropsicopedagogia, podem promover uma educação mais inclusiva e adaptada às necessidades desses estudantes. A pesquisa destacou a importância da personalização do ensino, do uso de recursos tecnológicos, da criação de ambientes sensorialmente adequados e da formação continuada de professores.

As limitações encontradas decorreram da abrangência do tema e da variabilidade dos estudos relacionados, que demandam análises mais aprofundadas para compreender a eficácia das estratégias em contextos diversos. Embora tenha sido possível abordar as principais práticas inclusivas, a aplicação dessas estratégias ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de infraestrutura nas escolas e a necessidade de maior integração entre políticas públicas e o cotidiano escolar.

Sugere-se, para investigações futuras, a realização de estudos empíricos que analisem a implementação das estratégias neuropsicopedagógicas no ambiente escolar, bem como a avaliação do impacto dessas práticas no desenvolvimento acadêmico e socioemocional de alunos com TEA.

Além disso, recomenda-se ampliar as discussões sobre a formação docente e o papel das famílias no processo inclusivo, com vistas a construir uma abordagem ainda mais integrada e eficiente. Este trabalho, portanto, contribui para o campo educacional ao oferecer subsídios teóricos e práticos que podem ser aplicados em diversas realidades escolares, promovendo uma educação mais justa e inclusiva.

Conclui-se que a inclusão de alunos com TEA deve ser vista como uma oportunidade de enriquecimento para todos os envolvidos no processo educacional. Assim, ao promover práticas inclusivas, a escola não apenas atende às necessidades específicas dos alunos com TEA, mas também desenvolve valores como empatia, respeito e solidariedade em toda a comunidade escolar.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thiago Matos. **Inclusão escolar e políticas públicas no Brasil: desafios e possibilidades**. Brasília: UnB, 2019.

DIAS, Fernanda Alves. **Aspectos neuropsicopedagógicos na inclusão de crianças autistas**. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

GOMES, Camila Duarte; COSTA, Renata Lima; PEREIRA, Rafael Silva. **Inclusão escolar e estratégias neuropsicopedagógicas: avanços e desafios**. Brasília: Editora Acadêmica, 2021.

MENDONÇA, Ana Paula; LIMA, Carlos Eduardo. **Transtorno do espectro autista e práticas pedagógicas: perspectivas inclusivas**. Recife: Editora Universitária, 2018.

OLIVEIRA, Lucília Vernaschi de; SILVA, João Fernando. **Práticas pedagógicas inclusivas: um olhar neuropsicopedagógico**. São Paulo: Editora Educar, 2022.

PEREIRA, José Carlos. **A importância das neurociências na educação especial**. Porto Alegre: Sulina, 2019.

ROCHA, Mariane Alves; FIGUEIREDO, Sara Dias. **Educação especial e inclusão: estratégias inovadoras para o ensino de alunos com TEA**. Florianópolis: Insular, 2023.

SANTOS, Maria Clara; OLIVEIRA, Fernanda. **Caminhos para a inclusão escolar: práticas neuropsicopedagógicas no ensino básico**. Salvador: EDUFBA, 2021.

SILVA, Rosilene Barrento; OLIVEIRA, Márcia Martins de. **Crianças com TEA na educação infantil: estratégias de inclusão baseadas em características sensoriais**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2023. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br>. Acesso em: 4 abril. 2025.

SOUZA, Aline Ferreira. **Educação inclusiva: reflexões e práticas no ensino de alunos com TEA**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2020.

